Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira* e a tradição crítica brasileira.

Rafael Marino[1]

Resumo: o trabalho em questão – baseada em parte de minha dissertação de mestrado - pretende fazer uma incursão na obra *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*, com o fito de mostrar suas similitudes e diferenças quantas à outras obras do quase gênero da *formação* no Brasil, ao modo de *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*, de Caio Prado Jr. e *Formação econômica do Brasil*, escrito por Celso Furtado. Deste modo, gostaríamos de argumentar que a obra de Candido seria marcada por uma maior sobriedade crítica e ofereceria, ao fim e ao cabo, um ponto de vista essencial ao crítico periférico. Para tal, lançaremos mão, consequentemente, dos seguintes passos expositivos: i) algumas considerações sobre o tema da formação em meio ao Pensamento político e social brasileiro; ii) certas providências do crítico materialista Antonio Candido na periferia do capitalismo; iii) uma incursão sobre *Formação da literatura brasileira*, principalmente em relação à constituição do sistema literário nacional; iv) à guisa de conclusões, considerações finais sobre o tema.

1 – O sentido da *formação* no Pensamento político e social brasileiro.

De acordo com Otília e Paulo Arantes, a categoria de *sentido da formação*, indica a centralidade no pensamento político e social brasileiro de um ideal formativo, baseado em um referencial europeu, de nações integradas. Nota-se que a categoria de formação era uma referência quase que comum à intelectualidade brasileira, até porque, segundo o mesmo Paulo Arantes, "desde os primórdios da nacionalidade, [...] a nossa vida mental sempre girou em torno do esforço, a um só tempo de ilustração e expressão, voltado para a desobstrução das vias de passagem da Colônia para a Nação" (ARANTES, 1996, p. 93). Arantes argumenta que a característica marcante desta ensaística brasileira é: tentar a partir de grandes interpretações, assentadas na descrição e no registro de tendências reais na sociedade brasileira, "dotar o meio gelatinoso de uma ossatura moderna que lhe sustente a evolução." Tais trabalhos teriam tanto um propósito descritivo, quanto normativo, apontando em direção a uma ideia de formação que corria "na direção do ideal europeu de civilização relativamente integrada – ponto de fuga de todo espírito brasileiro bem formado" (ARANTES; ARANTES, 1997, p. 12).

[1] Graduado em Ciências Sociais pela Universidade São Paulo (USP) e Mestrando em Ciência Política pela mesma universidade (PPGCP) sob orientação do Professor Bernardo Ricupero; membro dos grupos Pensamento e Política no Brasil e Sequências Brasileiras, ambos vinculados ao CENEDIC – USP. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: rafael.marino50@gmail.com.

Entretanto como não seria possível dar conta de todos os ensaios listados pelos autores, ou ao menos da maior parte deles e como o propósito aqui não é adentrar mais detidamente nos autores da formação e sim ver como este processo figurou-se nas artes plásticas brasileiras, adianto o passo argumentativo do seguinte modo: se havia uma dificuldade renitente em o Brasil se constituir como uma Nação integrada e voltada para os interesses internos, contando com um Mercado Interno integrado e que conseguiria saciar as carências de sua população – projetos virtuais jogados ao futuro (PRADO JR, 2011) (FURTADO, 1995) -; a sua literatura, ou melhor, seu sistema literário formou-se primorosamente, contando com a integração sistemática de autores, públicos e obra (CANDIDO, 2013, p. 25 – 43). Prova disso, é o surgimento de um autor tão sofisticado como Machado de Assis (Ibid., p. 434) e os romances de sua segunda fase, cujo início se deu com *Memórias póstumas de Brás Cubas*; artífice de uma forma – está compreendida como conteúdo sócio-histórico sedimentado, segundo a boa tradição dialética (ADORNO, 1970, p. 15) -, em que o 'dado' social externo a literatura, passa a ser mola propulsora e estruturante do romance (SCHWARZ, 2012c, p. 132).

Desta feita, os três livros e autores aqui citados pensariam as suas respectivas formações na chave da passagem da Colônia para a Nação, ou da heteronomia para a autonomia. Digo 'respectivas formações', pois apesar da referência comum a passagem da Colônia para a Nação, não se pode deixar de lado, ao menos, duas diferenças sensíveis entre os livros em questão, a saber: em primeiro lugar, a matéria de que trata, ou sob o prisma 'disciplinar' a partir do qual veem a formação e, em segundo lugar, a realização ou não da formação em questão. Há uma diferença de matéria, – ou diferença de 'prisma' a partir do qual olham - entre os três autores – é evidente que existem coalescências entre eles, contudo há enfoques diferentes nos textos destes -, que pode ser assim colocada: Prado Jr.- apesar da imanência do método dialético e da totalidade processual não admitirem divisões disciplinares estritas – teria um enfoque mais histórico e pautado nas transformações da sociedade brasileira – à maneira do aumento sensível das formas inorgânicas ao longo do século XIX; Furtado, por sua vez, enfocaria mais as questões econômicas, à maneira do seu tratamento em relação ao período industrializante de 1930; Candido, enfocaria a questão da formação de um ponto de vista mais literário, até porque trata da formação do sistema literário brasileiro. É importante ressaltar que essa mesma diferença de matéria é ainda mais acentuada quando se compara Candido com Caio Prado Jr. e Furtado, do que Furtado e Prado Jr.

Tal ponto liga-se com a segunda diferença entre os autores acima elencada – sobre a realização ou não da formação em questão -, e que iremos explorar agora de modo comparativo.

Caio Prado Jr., acaba por falar na *possibilidade* (ou *virtualidade*) da formação de uma Nação integrada, a qual não se realizou, ao menos ainda. Essa integração deve ser entendida como negação do corpo social organizado de modo a saciar demandas fora do país, ou seja, a Nação - negação da Colônia - seria configurada de modo a suprir as necessidades da coletividade nacional. À maneira do dissemos sobre Caio Prado Jr., a formação de que trata Celso Furtado também ficaria para o futuro, de modo que a formação de um mercado interno que contemple o conjunto da população brasileira e que seja o eixo fundamental do desenvolvimento brasileiro será *relegada para o futuro*, ou, em outras palavras, *é uma virtualidade*. Já em Candido, a formação de uma literatura brasileira, ou, um sistema integrado de leitores, obras e público, *realiza-se* no Brasil. As provas desta realização seriam o surgimento de um autor tão sofisticado como Machado de Assis, o qual conseguiria transfigurar em forma literária a experiência local de modo muito sofisticado – constituindo-se em forma literária especifica - e com a constituição de uma crítica literária, ou melhor, de uma autoconsciência literária de fôlego, muito bem representada pelo próprio Machado de Assis e suas crítica, ao modo da argumentação exposta no texto “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade” (ASSIS, 2015, p. 1177-1184) . Assim sendo, a formação de que o crítico literário fala se realiza, ao contrário do processo tratado pelos outros dois autores. De todo modo, passaremos agora a uma exposição mais detida sobre a formação crítica de Candido e um exercício de leitura sobre seu *Formação da literatura brasileira*; posteriormente retornaremos à questão da formação e a especificidade da contribuição de Candido nessa seara.

2 - Antonio Candido: providências de um crítico materialista na periferia capitalista.

Em linhas gerais, delinearemos algumas influências e a inserção de Candido no pensamento brasileiro, o que nos obriga a falar de certas providências – todas, de uma forma ou de outra, interligadas entre si - tomadas pelo crítico literário em uma realidade periférica – diversa, mas não alheio[2] (SCWHARZ, 2014, p. 116) – no capitalismo. É nesse meio material que se desenvolverá o pensamento crítico de Candido, que como o verbo utilizado aponta, não aparecerá como um raio em meio ao céu azul, mas sim a partir de acumulação intelectual anterior e algumas providências tomadas pelo autor, fatores os quais, na verdade, andam de mãos dadas. Passemos, agora, ao argumento e apresentação destas. De saída pode-se apontar uma relação interessante entre Machado de Assis e o crítico literário em questão, pois souberam

[2] Empresto a fórmula de: (SCHWARZ, 2014, p. 116).

retomar criticamente o trabalho dos intelectuais e escritores antecedentes, entendidos não como peso morto e sim como elementos dinâmicos e irresolvidos, vinculados às contradições contemporâneas (SCHWARZ, 2014, p. 31). Isso não é pouco, visto que a dificuldade na seriação de ideias no Brasil como já havia sido notado por Silvio Romero:

> Na história do desenvolvimento espiritual do Brasil há uma lacuna a considerar: a falta de seriação nas ideias, a ausência de uma genética. Por outros termos: um autor não procede de outro; um sistema não é consequência de algum que o precedeu. [...] É uma verdade afirmar que não temos tradições intelectuais no rigoroso sentido. Na história espiritual das nações cultas cada fenômeno de hoje é um último elo de uma cadeia; a evolução é uma lei. [...] Neste país, ao contrário, os fenômenos mentais seguem outra marcha; o espírito não está ainda criado e muito menos o espírito científico. A leitura de um escritor estrangeiro, a predileção por um livro de fora vem decidir da natureza das opiniões de um ator entre nós (ROMERO, 1878, p. 35).

Candido, quase no mesmo tempo em que escreve *Formação da Literatura brasileira*, escreve uma série de textos e intervenções com o intuito de ampliar o conceito de Crítica até então utilizado. Vislumbrando e colocando em prática uma crítica que tem certo ar de família com a crítica estética do chamado 'marxismo ocidental' (ANDERSON, 2004), ao modo de Lukács e Adorno, pois ambos leem o romance sobre fundo real e estudam a realidade sobre fundo de romance, no plano das formas, mais do que dos conteúdos (SCHWARZ, 2012c, p. 140). Outra providência importante em Candido tem a ver com certa entrada na 'teoria pela porta dos fundos' (Ibid., p. 38), ou seja, a entrada na teoria por meio de sua tese sobre o método crítico de Romero. Até porque isso demonstraria um ato de independência do crítico literário, o qual faz sistema com a sua aversão pela teorização descabida, ou, em outras palavras, uma teorização, via de regra, assentada na última moda teórica europeia (ALMEIDA, 2007, p. 51). E é nisso que residira a força do programa dialético para Schwarz, já que, ao invés de ficar em fórmulas rituais, deve ser posto na prática de fato (SCHWARZ, 2012c, p. 130).

Uma quarta providência seria, em Antonio Candido, a formação de uma rotina, um dos atalhos essenciais de que a crítica nacional poderia dispor com o intuito de alcançar algo próximo à organicidade da cultura (ARANTES, 1997, p. 41-42). Esta mesma rotinização aparece em dois momentos diferentes de sua obra, no primeiro, o nosso crítico literário fala da rotina e da aceitação de procedimentos arcárdios no gosto médio (CANDIDO, 2013, p. 201 – 239); no segundo, mais famoso, fala de uma rotinização das aspirações e inovações, geradas nos anos 20 e potencializadas com a Revolução de 30, com o seu movimento de unificação cultural em escala nacional (CANDIDO, 2011a, p. 219 – 241). Esta segunda rotinização, teorizada em sua obra, irá mesmo influenciar o nosso crítico, da qual considera-se um produto,

como pode-se depreender de um depoimento seu em que fala de certa rebeldia do grupo *Clima*, principalmente pelo fato de haver:

> a presença viva da grande geração modernista e dos escritores firmados depois de 1930, que despertavam o nosso respeito e eram para nós os reveladores da arte, da literatura e do próprio país. [...] O que se chama Modernismo, nas artes e na literatura, só então estava ficando pelo quotidiano, sob os nossos olhos, e a posição natural era admirar. O peso do passado imediato era enorme, reforçado pela presença física dos escritores e artistas que o tinham configurado (CANDIDO, 1978, p. 186 – 187).

Ainda sobre o assunto, nesses mesmos anos 30, o ensaismo de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e de Caio Prado Jr., foi fundamental não só para a formação de Candido mas para toda uma geração que aprendeu a refletir sobre o Brasil com aqueles autores. Ensaios chave e que exprimiram a mentalidade vinculada aos ares de radicalismo intelectual e de análise social, os quais eclodiram pós-Revolução de 30 e que não foram abafados pelo Estado Novo (CANDIDO, 2011a, p. 219-241). Voltando aos encaminhamentos de nosso crítico, há uma simpatia pelo segundo escalão literário – escritores menores –, em íntima ligação com o ponto sobre a rotinização do gosto colocado logo a cima. Mas é de uma simpatia esclarecida de que se trata, em que se revelaria o olhar clínico para os detalhes e meandros de um ciclo de acumulação literária o qual não teria sido completado sem o concurso decisivo dos autores menores e dos epígonos (ARANTES, 1997, p. 44) A bem da verdade, sem esse olhar clínico de Candido talvez a formação do sistema literário nacional ficasse sem inteligibilidade, ou, aos pedaços, pois sem se ver a aplicação com que os autores do segundo escalão propiciaram a entronização de uma reforma do gosto, não se poderia entender o primeiro grande exemplo do romantismo entre nós, a saber, Gonçalves Dias (Ibid., p. 45).

Há ainda que se falar do ímpeto planejador, de extrema importância para o trabalho do crítico em questão, porque, tendo em vista o país já caracterizado a partir de um viés cultural, ou melhor, em sua falta de organicidade cultural e das ideias, a qual só poderia ser ultrapassada caso o tirocínio ocasional dos maiores e o esforço descompassado dos menores fossem canalizados por instituições. Esforço feito por Candido, não sem ter tanto o exemplo anterior de Mário de Andrade e o Departamento Municipal de Cultura, que este chefiava, quantos as bases institucionais oferecidas pela Universidade de São Paulo e pela Escola de Sociologia e Política, formadas a partir do espírito planejador dos anos 30.

O espírito crítico desse encontro benfazejo, porém não marcado, e o esforço de planejamento encontram-se já na organização da revista que será chamada *Clima*, editada por Candido, Ruy Coelho, Lourival Gomes Machado, Paulo Emilio Salles Gomes e Gilda de Mello e Souza. Tal iniciativa indicava o tamanho da ambição intelectual e dos problemas perseguidos

pelos críticos, os quais foram essenciais para a projeção posterior dos autores e da constituição de suas reputações no campo cultural e intelectual de São Paulo, via exercício crítico chancelado pela Faculdade de Filosofia da USP (PONTES, 1998, p. 63)[3].

Convém ainda lembrar que há uma última providência tomada pelo crítico e que se liga a uma tentativa de esclarecimento, como é o caso do *Na sala de aula* (1998), apresentado como um caderno didático de apoio aos professores que queriam ler e explicar poesia para seus alunos, tratando-se de um verdadeiro empenho de socialização do conhecimento e da cultura em nosso país, dotado de condições bastante precárias como se sabe, sem rebaixar o nível da informação, trazendo aos alunos, sem barateamento, a mais refinada experiência poética elaborada por nosso elite culta (SCHWARZ, 2014, p. 14 – 15).

Passaremos a explorar melhor agora a já citada questão sobre a crítica integrada, esta aparece no estudo de Candido sobre a literatura, quando o crítico apresenta alguns pressupostos de seu estudo, definindo-a do seguinte modo:

> A tentativa de focalizar simultaneamente a obra como realidade própria, e o contexto como sistema de obras, parecerá ambiciosa a alguns, dada a força com que se arraigou o preconceito do divórcio entre história e estética, forma e conteúdo, erudição e gosto, objetividade e apreciação. Uma crítica equilibrada não pode, todavia, aceitar estas falsas incompatibilidades, procurando, ao contrário, mostrar que são partes de uma explicação tanto quanto possível total, que é o ideal do crítico, embora nunca atingido em virtude das limitações individuais e metodológicas (CANDIDO, 2013, p. 31).

No entanto, essa forma crítica já havia sendo trabalhada por Candido antes do livro em questão, aparecendo, de modo mais consolidado já em sua tese sobre Silvio Romero, algo que aparece na passagem em que justifica a publicação da tese em livro, mesmo momento em que a apresentação e defesa da crítica integrada ganham ares de polêmica, transparecendo o espírito independente anteriormente enfatizado:

> Publico-o, em grande parte, por motivo pessoal, isto é: marca o ponto de partida das posições críticas a que cheguei, pois foi escrevendo esta tese que as defini pela primeira vez de maneira sistemática, após os primeiros anos de tateio em revistas e jornais, orientado apenas pela alegre confiança dos vinte anos e algumas ilusões que aqui superei, mas que até hoje me são atribuídas. [...] Por tudo isto, a reimpressão do presente livro talvez sirva para mostrar a glória e a miséria dos dogmatismos, e fazer ver aos jovens (penso sobretudo nos meus alunos) de que modo as visões parciais do processo crítico e da natureza da obra literária têm a sua função histórica e seu risco teórico. Silvio achincalhava o que lhe parecesse 'esteticismo'; muitos dos críticos atuais repelem (de boca) o recurso a qualquer 'fator externo'. Em ambos os casos,

---

[3] É interessante vermos ainda a organização do trabalho feita pelos jovens críticos: "Definidos o título, o diretor responsável (Lourival Gomes Machado), os editores encarregados das seções permanentes (Antonio Candido, literatura; Lourival, artes plásticas; Paulo Emilio Salles Gomes, cinema; Décio de Almeida Prado, teatro; Antonio Branco Lefèvre, música; Roberto Pinto Souza, economia e direito; Marcelo Damy de Souza, ciência) e os colaboradores (como Gilda de Mello e Souza, Ruy Coelho, Cícero Christiano de Souza, entre outros.), a revista circulou de maio de 1941 a novembro de 1944. No decorrer dos seus dezesseis números, firmou-se sobretudo como uma publicação cultural" (PONTES, 1998, p. 97 – 98).

> posições parciais, apresentadas com a mesma imodéstia, deformando a inteligência plena do fenômeno literário, que se quer integralmente apreendido. Neste livro, quase no início duma carreira, procurei, com as limitações pessoais e os poucos recursos do momento, sugerir uma *crítica integrativa*, superando os resquícios de Naturalismo, que ainda sobreviviam, e mostrando as limitações do ponto de vista sociológico, então em grande voga e ao qual eu próprio aderira, anos antes, ao começar a escrever (CANDIDO, 2006, p. 12 – 15).

Às correntes interpretativas influentes, Candido antepõe a sua perspectiva: a crítica literária, na qual o texto é o elemento fundamental a ser considerado. Colocando essa perspectiva quase que na forma de um alerta contra o esquecimento da verdade fundamental dos estudos literários, qual seja: em literatura, quaisquer que seja o momento histórico e a perspectiva adotada, a importância maior deve caber à obra literária, até porque a literatura não seria um conjunto de autores ou de fatores e sim de um acúmulo de obras (CANDIDO, 2010). Deste modo, mesmo que fatores externos e os autores sejam importantes, precisando ser estudados, serão sempre acessórios se comparados com a realidade cheia de força própria da obra literária, a qual age sobre a história e sobre os homens.

Um programa crítico cujo leque histórico vai da década de 1940 até a década de 1990, pelo menos, e que poderá ser visto em sua realização máxima, segundo sugestão de Waizbort (2007, p. 91) em *O discurso e a cidade*, livro que ombreia *Formação da literatura brasileira*, e em cujo prefácio pode ser reencontrada a mesma ideia de crítica integrada (CANDIDO, 2010, p. 9-17). Contudo, será em seu ensaio "Dialética da Malandragem" em que encontraremos a armação canônica do problema:

> Na verdade, o que interessa à analise literária é saber, neste caso, qual a função exercida pela realidade social historicamente localizada para constituir a estrutura da obra, isto é, um fenômeno que se poderia chamar de formalização ou redução estrutural dos dados externos(CANDIDO, 2010, p.28).

O ponto de vista é extremamente original, pois lê-se o romance sobre fundo social e se estuda a realidade sobre o fundo do romance, e a junção destes dois elementos se faria através da forma. Todavia, a noção de forma aqui empregada deve ser entendida como uma espécie de princípio mediador organizador dos dados do real e da ficção, constituindo-se como parte de ambos os planos; mesmo não se descartando o aspecto inventivo dos autores, existe nesta conceituação de forma uma presença forte da realidade, muito mais do que o aceito pela teoria literária em geral. Em resumo, antes de intuída e objetivada pelo romancista, a forma estudada pelo crítico já fora produzida anteriormente pelo processo social. Sendo assim, aqui a forma dominante do romance comportaria, além de outros elementos, "a *incorporação* de uma forma de vida real, que será acionada no campo da imaginação" (SCHWARZ, 2012c, p. 141). Não obstante, este conceito de forma **objetiva** de modo algum pode ser tratada como um realismo

espelhista, até porque uma forma não é toda a realidade, podendo combinar com elementos totalmente inespecíficos de uma época.

É interessante lembrar que a originalidade de Candido e de sua crítica, terão uma grande afinidade com alguns escritos de Lukács e de Adorno (SCHWARZ, 2009; 2012b, p. 48), as afinidades[4] com o primeiro transparecem em um livro como *O romance histórico*, no qual argumenta que o ponto metodológico decisivo para ele é a de investigar a interação do desenvolvimento social e econômico com a forma artística engendrada a partir deste desenvolvimento mesmo (LUKÁCS, 2011, p. 29)[5]; bem como em um ensaio de juventude, como "Sobre a essência e a forma do ensaio: uma carta a Leo Popper", no qual irá dizer que o crítico será aquele quem enxergaria o destino nas formas e teria o seu destino mesmo traçado por estas, se entendidas enquanto abrigo dos conteúdos da vida e que serão o que há de realmente vivo em seus escritos, dado que seriam a condensação de toda vivência e sentimento, de todos os elementos externos e internos da vida (LUKÁCS, 2015, p. 40).

Já com Adorno, a afinidade aparece desde em seus estudos sobre música como *Introdução a sociologia da música* (2011b) e *Filosofia da Nova Música* (2011a) , nos quais a sua noção de forma aparecia de modo mais claro e abstrato, em que exorta a crítica a compreender a música em sua integralidade com todas as suas implicações, o que requereria um conhecimento apurado não só do mundo das formas musicais, mas também da consciência da sociedade e sua estruturação, encontrados, ao fim e ao cabo, entrelaçados. Ou mesmo em sua *Teoria Estética* (1970), em que o frankfurtiano argumenta que a arte, ao mesmo tempo em que não apreende o que há de mais imediato no real, encerra nela mesma um ente empírico. Até porque mesmo que aquela se oponha ao imediato empírico por meio do momento da forma – lembrando que a mediação entre conteúdo e forma não deve ser pensada sem a sua devida

[4] Por afinidade não quero dizer concordância total, pelo fato de que o próprio Candido ter manifestado discordâncias em relação a Lukács e a questão na narração, como se vê nas seguintes passagens: "A ação de torna quase descrição, na medida em que os atos são manipulações; a narrativa parece uma concatenação de coisas e o enredo se dissolve no ambiente, que vem a primeiro plano através das constelações de objetos e dos atos executados em função deles. Aqui, poderíamos dizer contrariando o famoso ensaio de Lukács que descrever *é* narrar." E nesta: "[...] a descrição assume importância fundamental, não a modo de enquadramento ou complemento, mas de intuição narrativa. E ela, de fato, que estabelece como denominador comum a supressão das marcas de hierarquia entre o ato, o sentimento e as coisas, que povoam o ambiente e representam a realidade perceptível do mundo, a que o Naturalismo tende como parâmetro"(CANDIDO, 2010, p. 63 - 67).

[5] Essa colocação da relação entre desenvolvimento econômico e a forma artística pode ficar mais clara, caso citemos outro trecho interessante do autor: "Podemos observar tais traços de visão do mundo já no grande Liev Tolstói, que, nas linhas essenciais de sua obra, deu um prosseguimento digno e inovador à riqueza da figuração da vida dos clássicos. *Mas, por causa do desenvolvimento peculiar da Rússia, o próprio Tolstói é ainda um escritor da época de preparação da revolução democrática*, mesmo que, conscientemente, só pudesse se opor a ela, foi contemporâneo da revolução democrática na literatura e, pode-se dizer, um contemporâneo fortemente influenciado por ela" (LUKÁCS, 2011, p. 259).

distinção -, é importante ter-se em vista o fato de a forma estética ser conteúdo sócio-histórico sedimentado. Como exemplo, poder-se-ia lembrar que as formas aparentemente mais puras, à maneira das formas musicais, remontam em seus pormenores a algo ligado ao conteúdo, como a dança para o domínio artístico citado (ADORNO, 1970, p. 15).

Ainda sobre a relação entre processo social e forma literária, é preciso que passemos ainda por uma hipótese aventada por Waizbort, para quem haveria algo da filologia românica alemã, mesmo que no espírito, porém não na letra, na historiografia literária brasileira de Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda (WAIZBORT, 2007, p. 98) – como o nosso trabalho volta-se para o primeiro, deixaremos a especificação do segundo de lado. Essa relação poderia ser rastreada em dois momentos, o primeiro diria respeito ao modo como o crítico brasileiro estrutura o seu estudo sobre a literatura brasileira, pois mesmo que na *Formação da literatura brasileira* o crítico opere uma síntese de grande monta, não pretende encontrar nela a completude histórica da literatura nacional. Ou seja, ao trabalhar um conjunto de momentos decisivos, configuraria um todo ou uma totalidade sem a pretensão de atingir uma completude estática, algo muito próximo de autores como Ernst Robert Curtiu e Erich Auerbach – os quais Candido irá conhecer entre as décadas de 1940 e 1950, ao que tudo indica por intermédio das leituras de Sérgio Buarque de Holanda. A visão de ambos os filólogos germânicos sobre a história literária, embora diferentes, convergem na intenção de ambos em escrever uma história literária não possuidora de uma noção de completude, pois suas histórias, pela via da articulação de momentos e fragmentos visa estabelecer uma totalidade aberta, a qual sempre irá oferecer espaços para complementos. Em Auerbach, isto ficaria claro quando fala em lacunas, as quais poderiam ser preenchidas por outros estudos sobre literatura inglesa ou mesmo alemão faltantes (AUERBACH, 2013, p. 502) e em Curtius, mesmo apontando um método o qual teria por objetivo dissolver a matéria da literatura, deixando a vista suas estruturas, argumenta no sentido de uma abertura do método histórico, abertos aos novos topos, bem como seus desdobramentos posteriores (CURTIUS, 1979, p. 16).

Como segunda pista, poderíamos nos guiar por meio da questão sobre a relação entre processo social e forma literária – até mais condizente e interessante com a economia do argumento do argumento desenvolvido até agora –, visto que se o nexo entre realismo, forma ou resultado literário, e o processo social é a essência das análises dialéticas de Candido. Porém, se Schwarz chama a atenção para a relação de seus pressupostos com a crítica marxista, teria deixado o diálogo com Erich Auerbach, o qual também estarei preocupado com o chamado processo social, deste modo a crítica de Candido ajustaria as contas não só com Lukács, mas

sim também com Auerbach (WAIZBORT, 2007, p. 184). As indicações são bastante interessantes, entretanto, ao que parece, a dimensão tomada pela tradição dialética na obra de nosso crítico literário é bastante mais pronunciada do que a de Auerbach, cabendo mesmo uma aproximação muito mais da ordem do espírito intelectual do que das letras deitadas.

Voltando mais detidamente à questão sobre o programa da crítica integrada, o texto literário – tomado em si e na sua imanência, ou, como gostaria Candido, seguindo o objeto em seu pendor natural (CANDIDO, 2010, p. 12) – é passível de crítica justamente por ser considerado um objeto de conhecimento, e não de contemplação ou algo do gênero. A arte aqui passa a ser uma forma de conhecimento específica da realidade, um conhecimento não dado de antemão, mas um saber desvendado a partir da forma artística. Nesse sentido, a verdade da obra literária, mais do que uma verdade pronta e acabada, talvez seja a configuração expressiva de problemas, lembrando que em meio à tradição dialética, a contradição é justamente aquilo que dá vida às análises e ao pensamento crítico, dado que assim assume-se "a historicidade tanto das categorias de intepretação quanto do material artístico do criador" (ALMEIDA, 2007, p. 51). Até porque sociedade e época histórica não são limitações apenas externas aos criadores, mas sim uma exigência interna de exatidão que as suas formações históricas e sociais lhes impõem. E como esse programa crítico, poder-se-ia argumentar, à sombra de Schwarz (2009), que o nosso crítico ao fazer uma crítica imanente das obras, por exemplo, de Manoel Antônio de Almeida ou Aluísio Azevedo, acabava por sondar algo mais profundo:

> Antonio Candido decide ir tão longe quanto possa assumindo essa nossa condição periférica. Isso, que por um lado parece uma espécie de inferioridade ou limitação, não deixa de ser também um modo de valorizar um dos aspectos decisivo da sociedade contemporânea que é a divisão entre centro e periferia. Ao fincar o é na condição periférica, o crítico periférico está pondo em evidência um aspecto da sociedade contemporânea que na construção dos países centrais, que são universalistas, desaparece. *O crítico periférico está dizendo que o universalismo implicado na conceituação dos países centrais é irreal, porque esse universalismo não existe; as coisas são de um jeito no centro e são de outro jeito na periferia e uma conceituação que não seja aberta para essa clivagem é falsa. [...] Há um aspecto da história contemporânea que – apanhado justamente através da coragem de se agarrar à condição periférica e de fazer dela um ponto de partida importante tanto para entender o mundo contemporâneo quanto o seu movimento universalista – é, num certo sentido, mais verdadeiro* (SCHWARZ, 2009, p. 186).

3 - *Formação da literatura brasileira*[6]: sistema literário nacional e tradição crítica.

[6] É interessante lembrar que o título do livro, na verdade, deveria ser: *Arcádia e Romantismo – momentos decisivos na formação do sistema literário brasileiro*. Essa afirmação encontra-se em uma entrevista de Candido ao sociólogo Luiz Carlos Jackson (2002, p. 175) em 30/ 09/ 1996.

De saída, no primeiro prefácio de seu livro, Candido argumenta que cada literatura requer um tratamento específico, pois é peculiar e mantém relações particulares com outras literaturas. A literatura brasileira, no caso, é recente, gerada "no seio da portuguesa e dependeu da influência de mais duas ou três para se constituir" (CANDIDO, 2013, p. 11). E é justamente a partir desta diferença de formas, ritmos de vida e modalidades cultuais que a sociedade brasileira fora formada. Situação que impelia os brasileiros a procurarem autores de outras terras também, até porque a "nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas" (Ibid.). Contudo, a literatura brasileira e só ela que nos exprime e só ela revelará sua mensagem se for amada e 'desvendada' pelos próprios brasileiros, cuja experiência está ali imbricada e não nas congêneres europeias.

O nosso crítico procurará estudar a formação da literatura brasileira como uma síntese entre tendências universalistas e particularistas. Elas não ocorreriam isoladamente e sim combinando-se de variadas formas desde as nossas primeiras manifestações literárias. De modo que o cosmopolitismo predominaria nas concepções neoclássicas e arcádias, e o localismo nas românticas, levando Candido a se concentrar nestes períodos decisivos de nossa seriação literária. Estruturada a partir de uma verdadeira dialética entre localismo e cosmopolitismo, direcionadora de nossa vida mental, que em seus momentos de equilíbrio, os quais permeiam seu característico balanceio, definiria etapas de acumulação.

Há uma preocupação de Candido em seguir o pendor natural do objeto – ou crítica imanente, num linguajar mais dialético –, nesse sentido mesmo que seu método, como ele mesmo argumenta, seja baseado na interpretação, intuição e juízo de gosto, estes apenas apareceriam como subjetivos, pois são essencialmente objetivos e históricos. A interpretação, primeiro elemento citado, emerge despois de uma atenção detida e um labor em cima do texto. Voltando ainda à questão do 'movimento do objeto', não seria outro o procedimento de nosso crítico em relação a solidariedade entre os momentos do Arcadismo e do Romantismo com a formação da literatura brasileira, os quais eram tradicionalmente entendidos como momentos estanques da história literária nacional. Deste modo, caso tentássemos adivinhar o livro de Candido somente pelo seu sumário, poderíamos pensar que se trata apenas de um estudo sobre o neoclassicismo e o romantismo literário no Brasil, procedimento o qual faria com que perdêssemos de vista a contribuição essencial de Candido, em que aqueles momentos, apesar de esteticamente antagônicos, eram vistos "sob o signo unificador da independência nacional em processo" (SCHWARZ, 2014, p. 58), compondo um objeto com questões e tessitura específicas. Em suma, em termos estéticos nada seria mais distinto do universalismo

convencional e neoclássico dos árcades, do que o a individualização romântica, contudo, impregnados de certa dose variada de patriotismo ilustrado, integravam-se "à gravitação da independência nacional, à tarefa de criar um país que participasse da cultura comum do ocidente e que guardasse fisionomia própria" (Ibid., p. 59). Sendo tal continuidade uma tese dos próprios romântico, que viam alguns autores árcades como seus predecessores, pode-se dizer que é um processo com continuidade real de que se trata, inclusive a partir da auto compreensão de seus próprios portadores, ao fim e ao cabo, de uma atitude ilustradamente construtiva e empenhada.

Desta feita, com o que até aqui fora exposto, a ideia de que o trabalho de histórica literária feito pelo nosso crítico seria extremamente inovador e rebelde frente à historiografia nacional, tomando a nossa formação literária como uma estrutura especifica, a qual respeitaria a linearidade temporal, da qual livros como de Veríssimo e Romero são tributárias. Ou seja, ao lançar mão da ideia de sistema literário, tem como objetivo tonar as estruturas de continuidade literária perceptíveis e orientar-se por um *problema*, a partir do qual toda a obra se firma e constitui; algo bem contrário às perspectivas de manuais e histórias literárias tradicionais. Não obstante, antes de adentrarmos mais detidamente sobre o sistema literário de Candido, deitaremos algumas palavras sobre algumas críticas as quais apontariam certo subjetivismo na estruturação da problemática literária de Candido.

Tendo esses elementos em vista, a crítica efetuada por Luiz Costa Lima (LIMA, 1992)[7], apresentada por ocasião de um evento em homenagem ao crítico uspiano, perde o seu fundamento, visto que baseada na ideia de que o texto de Candido esta permeado por uma crítica assentada em valores – dando a esta palavra um ar subjetivista -, os quais não seriam revelados durantes o estudo. Mas que seriam descobertos nas linhas e entrelinhas do texto, e girariam em torno do endosso de um ideal de brasileirista, ligado ao projeto romântico nacionalista[8]. Deste modo, bem entendida a intenção do professor carioca, o livro formativo do nosso crítico seria guiado por valores subjetivos, ao mesmo tempo em que tenta escondê-los por meio de um discurso aparentemente material e objetivo.

---

[7] O mesmo Luiz Costa Lima, no ensaio citado e em outras ocasiões, também criticava o crítico uspiano por este supostamente reduzir a literatura a um mero receptáculo da representação social, sem conceder-lhe qualquer espaço de inovação. O que Lima oblitera é que a crítica de Candido esmera-se perseguindo criticamente as formas, sem deixar de lado o seu aspecto socialmente informado, dando-lhe uma produtividade inimaginada entre os formalistas e sua leitura cerrada dos textos.

[8] Há outros críticos que paradoxalmente apontariam o contrário, dizendo justamente que Candido não teria em vista critérios nacionais, como é o caso de Afrânio Coutinho (1960) para quem o critério de um estudo sobre a nossa literatura deveria ser a dos textos que passaram a ser escritos no Brasil, este entendido como territorialmente e como uma espécie de continum histórico desde a colônia até a atualidade de Coutinho. Há que se notar ainda que Coutinho também fora um daqueles que erroneamente apontaram um vinco sociologizante na teoria literária do nosso crítico paulista, chegando mesmo a liga-lo a Silvio Romero e sua concepção historiográfica de literatura (Ibid., p. 71).

Nesse mesmo diapasão irá se mover, décadas mais tarde, o crítico Silviano Santiago (2014), para quem Candido, de forma até mesmo proposital, por meio de seus conceitos de manifestações e sistema literários – devedores de um conceito disciplinar de arte literária no Ocidente -, teria imunizado ou mesmo vacinado (quiçá em uma ação de imperialismo espistêmico, algo que Santiago não diz, mas que poderia ser depreendido a partir do tom acusatório de seu ensaio) a nossa inteligência nacional contra os contatos com as literaturas e críticas pós-colonias de países africanos ou mesmo brasileiras. Fazendo com que, evidentemente, a nossa inteligência padece-se de um centramento europeu, o qual seria superado a partir de uma noção de 'entre-lugar', espaço de negociação interpretativa das literaturas latino-americanas e de ex-colônias, em que o troco pela colonização seria dado pela resistência propiciada pela *différence* derriadiana encontrada nos textos literários feitos por estas e outras bandas coloniais. Contudo, como é sabido, a problemática de Candido fora forjada a partir de uma crítica e de um enfrentamento imanente com seu material de pesquisa, dada até mesmo pelos participes do processo de constituição de nosso sistema literário, de modo que a ortodoxia pós-estruturalista inocularia, por meio de sua argumentação, um dogmatismo interpretativo nocivo a compreensão mesma do objeto em questão.

Dando consecução ao argumento sobre a problemática do crítico uspiano e o conceito de sistema literário, é preciso ver que seu esquema argumentativo também aqui é extremamente original e de suma importância para a estruturação de seu livro, comportando uma divisão interna entre *manifestações literárias* e *literatura propriamente dita*, algo que fica mais claro nas palavras de nosso autor:

> Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e porque se qualificam de decisivos os momentos estudados, convém principiar distinguindo *manifestações literárias*, de *literatura propriamente dita*, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e ***fazem da literatura aspecto orgânico da civilização***. Entre eles se distinguem: **a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros.** O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece, sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade (CANDIDO, 2013, p. 25, grifos meus).

O ponto é deveras essencial ao argumento de nosso autor, pois permite que encare a nossa história literária de acordo com um problema – e não mais a partir da linearidade temporal -, tendo em vista os seus momentos decisivos, Arcadismo e Romantismo. Desta feita, a

formação passa a ser encarada como um processo particular, portador de delimitações e realidade próprias, o qual não tem mais como âmbito a história do território ou da língua, muito menos a da literatura escrita no Brasil. Forjando uma nova periodização a qual seria desdobrada de um critério interno à literatura em movimento, algo que fica claro na seguinte passagem de nosso autor:

> Sem desconhecer grupos ou linhas temáticas anteriores, nem influências como as de Rocha Pita e Itaparica, é com os chamados árcades mineiros, as últimas academias e certos intelectuais *ilustrados*, que surgem homens de letras formando conjuntos orgânicos e manifestando em graus variáveis a vontade de fazer *literatura* brasileira. Tais homens foram considerados fundadores pelos que os sucederam, estabelecendo-se deste modo uma tradição continua de estilos, temas, formas ou preocupações (CANDIDO, 2013, p. 26 – 27).

Esse mesmo recorte imanente faz como que críticas, ao modo das feitas por Haroldo de Campos, para quem houve um verdadeiro sequestro do barroco e um esquecimento tanto da força de Gôngora, quanto da figura de Gregório de Mattos (CAMPOS, 1989, p. 8 - 9) careça de fundamento. Segundo ainda Campos, o nosso crítico seria acometido por um ideal metafísico de entificação nacional, o qual, somente por estudar a literatura a partir de uma formação nacional seria, sem escapatória, nacionalista; prisioneiro das ilusões de origem e evolução linear (Ibid.,10 – 11), as quais só seriam desmontadas e redimidas, evidentemente, pelas críticas derridadianas[9]. Nessa toada, Candido nada mais faria do que escrever uma espécie de epopeia do Logos e do Ser em busca de sua nova morada em terras americanas (Ibid., p. 12 – 15). Esqueceu-se o poeta que Gregório simplesmente não caberia nesse projeto tendo em vista a constituição de uma história que se permitiu exclui-lo, até porque Mattos não fez tradição, não fazendo parte daquele velho desejo de os brasileiros terem uma literatura. Pois, seus escritos não foram admitidos em antologias até meados do século XIX, a primeira edição de sua obra fora censurada, a versão feita pela Academia Brasileira de Letras apresentava lacunas claras e só em 1986 é que James Amado, irmão de Jorge Amado, publicou a totalidade de suas obras

[9] No mesmo tom do que é proposto por Schwarz (2014, p. 61) não seria tarefa do crítico, na verdade, passar criticamente a parafernália pós-estruturalista e suas generalidades pela experiência efetiva e material dos objetos estudados, bem como de suas condições sócio-históricas entronizadas na forma? Dito de outro modo, não seria uma espécie de dogmatismo filosófico ou analítico tentar adentrar sistematicamente objetos a partir de um conjunto de categorias e experiências intelectuais totalmente não imanentes ao objeto? Não é que o ideário “pós” seja em si um disparate, podendo-se ver nelas, pós anos 60 e o fim das ilusões redentoras do desenvolvimentismo, apesar do seu esoterismo, algo que parece com uma “descrição vulgarmente empírica de notórios equívocos e desenganos contemporâneos.” (Ibid., p. 196). Porém, se pensarmos mais detidamente na concretude daquela experiência de desintegração percebemos a sua materialidade catastrófica, a qual não pode ser comparado com o estatuto apenas discursivo da *déconstruction du texte* pós-estruturalista. Para uma versão também crítica das correntes pós-modernas e pós-estruturalistas e sua vinculação apenas aparente com os acontecimentos e o capitalismo tardio ver Jamenson (2007).

em sete volumes, portadora, por sua vez, de sérios problemas quanto a atribuição correta de autorias (CHIAPPINI, 1992, p. 175).

Dando consecução ao argumento, é preciso indicar ainda que com essa divisão entre manifestação e literatura propriamente dita, Antonio Candido dava forma à própria experiência intelectual brasileira, pois ao diferenciar manifestações literárias avulsas, ligadas à tenuidade do plano material e intelectual brasileiro, e literatura de fato, enxerga esta como um sistema integrado de obras ligadas por pontos em comum, os quais fazer dela um aspecto importante dentro da construção civilizacional. Sendo este um fato cultural que não nasce acabado, mas sim vai se constituindo a partir de um longo processo cumulativo de articulação com a sociedade e o adensamento literário, e, ao rever desta maneira a construção de uma continuidade literária no Brasil, o crítico paulista dava, finalmente, forma metódica ao conteúdo básico de nossa experiência nacional (ARANTES, 1997, p. 21). Ou, de modo mais pormenorizado, evidenciando os elementos da formação nacional, os quais estavam presentes nas escolhas estéticas dos autores, o nosso crítico acaba por descobrir, em meio ao fato bruto da formação literária nacional, "o fio condutor de uma outra linha de força formativa, vir-a-ser de um sistema cultural que na sua trajetória ia aos poucos convertendo surtos desgarrados em vida literária efetiva". Nesse sentido, *Formação da Literatura* acabava dando outro passo importante – principalmente para a economia da argumentação do relatório em questão, a saber: "aquela história de formação, que refundia de alto a baixo a interpretação de nosso passado literário, incorporava-se em termos atuais a um processo intelectual formativa de múltiplas dimensões." Ou seja, olhando 'apenas' a literatura, Antonio Candido, acabou por entrar fundo no problema da *formação*, problema fundamental entre nós, além de ilustrar "com material local o vínculo moderno entre Formação e Representação literária" (Ibid., p. 22).

Com isto desaguaremos em um outro ponto importante do esquema de Candido, a saber, a exposição do que considera ser tradição, conceituada pelo autor em seu sentido completo, isto é, tanto a transmissão de algo entre os homens, como também o conjunto de elementos transmitidos, elementos que unificados formam "padrões que se impõe ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar" (CANDIDO, 2013, p. 26). Até porque, sem esta mesma tradição não há literatura como um fenômeno da civilização. Olhando para este pequeno trecho, é perceptível o fato de o nosso autor mobilizar um conceito nada tradicional e fortemente materialista de tradição, visto que vale e pesa para além dela mesma e das razões de seus defensores. É sugestivo pensar que Schwarz tenha comparado esta conceituação ao caso de Schönberg e a análise adorniana de sua música, pois

em ambos os casos estariam claras as complementariedades e movimento de profunda solidariedade entre o tradicionalismo severo e a capacidade de revolução formal, como se na ausência de tradição rigorosa as mudanças radicais fossem impensáveis (SCHWARZ, 2014b, p. 22). Essa mesma materialidade pode fazer com que entendamos também a tradição como um filtro material, responsável por uma mudança e ascensão qualitativa de patamar e de superação dos laços de dependência, em que o influxo externo não mais seria o predominante em meio à nossa literatura e em meio à nossa vida intelectual (ARANTES, 1997, p. 18). Ao mesmo tempo, é importante frisar que não se trata de uma mera continuidade morta, e sim reconhecidamente viva, uma força que modela as dimensões da obra e também por ela é modelada; ao fazer isto o crítico dialético, além de encontrar um critério para avaliação da obra, também o acha para o transcurso histórico, que aqui é processo de formação da literatura nacional; deste modo, em um só golpe encontra um critério para avaliação das obras e refere-se ao tempo presente histórico em que encontra-se enraizado (WAIZBORT, 2007, p. 140).

Outro elemento da argumentação de Candido é o fato de o nosso sistema literário ter sido formado de maneira empenhada. Explicamos: desde os escritores neoclássicos, com a sua vontade de forjar uma literatura como prova da capacidade dos brasileiros em relação aos europeus, passando pelo nacionalismo literário do romantismo até a necessidade de empenho e brasilidade de críticos como Garrett e Denis, todos possuíam o interesse consciente de constituir uma literatura, a qual seria um elemento positivo na construção nacional. Até por isso leríamos em *Formação* que o livro constituiria uma "história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura" (CANDIDO, 2013, p. 27).

Nesse bojo, é forçoso notar que Candido coloca-se "deliberadamente no ângulo dos nossos primeiros românticos e dos críticos estrangeiros que, antes, deles, localizaram na fase arcádia o início de nossa verdadeira literatura" (Ibid., p. 27). Todavia nosso autor não tinha aí uma intenção nacionalista, como queriam alguns críticos. Na verdade, é desta posição que o narrador estaria em condições de compreender a fase arcádia, antecessora do romantismo, como um ponto de partida valioso para o movimento estudado. Não obstante, a posição do crítico em nada se confundiria com a dos primeiros românticos, pois a narrativa daquele tem como ponto focal Machado de Assis, um acontecimento literário essencial ao nosso sistema literário. Assim sendo, o arco histórico partiria dos árcades e daria em seu 'final' em Machado, configurando um movimento formativo.

Uma vez obtido o ponto de partida, seu foco trai-o completamente, uma vez que a mira narrativa do livro está para além de seus limites propostos, qual seja: o momento de

consolidação de nosso processo de formação literária. Nesse sentido, trata-se de uma narração prospectiva e teleológica de nosso sistema literário. Contudo, esta teleologia está apenas na perspectiva do narrador e limita-se à formação, mas não a história como um todo, articulando-se a uma totalidade sem pretensão de completude. Mas além da prospecção, ela também conta com um caráter retrospectivo, já que Candido escreveu-a em 1959, bastante posterior à obra madura de Machado. Deste modo, vemos um deslocamento ardiloso do narrador, que estando depois da consolidação de nosso sistema literário pretende retroagir para o momento formativo a fim de ganhar um ponto de partida. Depois de obtido o foco narrativo é mirado para além do período estudado, mas anterior ao tempo presente do narrador, levando a um adensamento do tempo histórico e a construção, a um só tempo, do movimento perspectivo do narrado e processo que ele narra[10] (WAIZBORT, 2007, p. 128).

Reiterando o ponto sobre o lugar do nacional em nosso crítico, vê-se a partir de seu pertencimento a uma geração universitária a qual criticou as ilusões redentoras do nacionalismo e seus mitos subsequentes (CANDIDO, 2011b, p. 169 – 219)[11], forjando uma explicação materialista a respeito da formação nacional. Essa sobriedade pode ser explicada pelo fato de a

---

[10] Aqui é preciso nos determos um tanto sobre a crítica feita por Sérgio Alcides (2011) ao livro de Candido, já que para o crítico mineiro o livro de nosso autor manteria um pressuposto de ligação entre a literatura e a nacionalidade, algo presente na obra de Silvio Romero, a qual colocava uma linha teleológico até a sua consumação como sistema. Pressuposto que seria atenuado com a ideia de Candido de que estava escrevendo uma história dos brasileiros em seu desejo de ter uma literatura, além de ocultar, via este enquadramento, a própria história de seu momento, ligada a um despertar de projeto emergencial para salvaguardar a cultura e a identidade nacional de seus deslizamentos na década de 1950. Não ocorreu a Alcides o fato de esta vinculação entre a nacionalidade e a literatura ter se dado de modo imanente entre os personagens mesmo desta narrativa formativa, como fora exposto anteriormente, não sendo uma preferência de Candido, emprestada por sua vez de Silvio Romero. Dito isto, é preciso frisar ainda que a escrita do crítico uspiano, como fora dito anteriormente, tem a sua normatividade descrita de fora, longe de ilusões nacionalistas exacerbadas, de modo que os pressupostos que galvanizam o crítico paulista em sua obra são postos, por assim dizer, pelo próprio objeto de estudo em uma operação de exímia crítica imanente. Além disso, a relação de ligação forjada por Alcides entre os pressupostos de Romero e de Candido carece de maiores explicações, pois como provas deste empréstimo o professor mineiro toma o início da periodização literária dos dois autores no Arcadismo, mais especificamente em Cláudio Manoel da Costa e pelo fato de em trechos importantes de suas respectivas histórias literárias ambos os estudiosos terem usado um pronome possessivo em primeira pessoa – "nossa", no caso - para se referirem a literatura nacional, cuja coesão hoje seria improvável (ALCIDES, 2011, p. 149) Deixando de lado completamente as diferenças substantivas de enquadramento historiográfico e método crítico na obra dos dois autores.

[11] É preciso frisar, mesmo que de modo sumário, que, apesar do juízo quase sempre positivo de Schwarz sobre seu mestre-açu Acê, aquele também teria feito algumas críticas a este em seu "Pressupostos, salvo engano, de 'Dialética da malandragem'", dado que a interpretação de Candido teria alguns limites, quais seja, sumariamente: o fato de não atingir o passo decisivo quando da articulação dos planos literário e social em uma totalidade (SCHWARZ, 2012c, p. 150), produzindo certos déficits de historicidade, de modo que assiste-se a uma essencialização da dialética da malandragem como um modo de ser do brasileiro, em uma construção mais ou menos culturalista aparentada de Buarque de Holanda e Freyre (Ibid., p. 150-151), chegando mesmo a 'imitar' a posição de Antonio de Almeida, o qual mescla elementos folclóricos a-históricos e sociais e históricos na história de suas personagens. Além disso, Schwarz também enxerga certa limitação na comparação que Candido faz do romance brasileiro e a *A letra escarlate* de Hawthorne, pois se o movimento comparativo era ambicioso, também guarda em si certa ideia que existiriam histórias nacionais essecialmente distintas, algo desmentido pela dinâmica do capital e do processo histórico e social (Ibid, p. 153).

formação de que o nosso autor fala ter se dado, enquanto a formação de uma Nação integrada de maneira alguma realizou-se e a normatividade de seu esquema. Apesar de existir, é descrita de fora, limitada pelo seu desempenho real (SCHWARZ, 2014b, p. 20); prova disso seria a coexistência de nosso sistema literário com a escravidão. Ao conseguir dar conta da formação de nossa literatura, o crítico periférico também conseguiu resolver um problema da história literária comparada, a saber: utilizando-se de procedimentos gestados em estudos de literatura comparada supranacionais – 'Ocidente' no caso de Auerbach e 'Europa' em Curtius -, voltado para uma ideia de totalidade aberta e não completude acabada, consegue reformular o problema dos limites da história da literatura nacional, rompendo-os e mostrando a resolução dos impasses criados pelas histórias de literaturas nacionais desde as suas grandes realizações no século XIX e XX. Colocando na ordem do dia uma resolução crítica sem precedentes, a qual só poderia ter se dado desde a periferia capitalista e suas literaturas empenhadas na construção nacional (WAIZBORT, 2007, p. 158).

Nesse convém lembrar que a narração do crítico dialético corresponderia a uma espécie de lei narrativa comparatista, dada pela constituição mesma da literatura brasileira, galho de um arbusto literário bem maior. A solução proposta fora justamente o repouso da estrutura da obra em um movimento de diferenças e similitudes, dando-se nos seus momentos decisivos. Algo que se daria tanto no âmbito da comparação externa, daí a dialética do universal e do local, cosmopolitismo e localismo, tradição europeia e descobertas brasileiras; quanto no âmbito interno entre autores, obras gêneros e momentos.

Retomando o que foi dito anteriormente, o texto de Candido tem *em vista a formação de um sistema integrado de escritores, obras e público, uma formação que se completa* – à diferença do que foi visto nos livros de Prado Jr. e Furtado -, algo que tem lá suas consequências. Em outras palavras, é necessário frisar que o sistema literário se completa, contudo, a nação - como corpo integrado e com seu sentido voltado para dentro -, e o mercado interno – que contemple as necessidades internas da população e que seja o eixo de desenvolvimento do país – não se completam. O que levaria tanto a uma concepção de formação mais sóbria, quanto à transmissão de tal déficit à esfera literária, onde se a falta de organicidade fora em um sentido superada, em outro sentido ela continua viva.

Outra colocação importante é o fato de que, à diferença dos romanistas alemães e as literaturas europeias por eles visadas, cujos processos de formação nacional já haviam sido, via de regra, concretizados e também passavam por um processo de grande problematização - devido à sua falência em elementos caros à civilidade, o caso brasileiro levava ao nosso crítico

a reconhecer o anacronismo e a justaposição de várias camadas do tempo histórico, “por conta do qual a literatura se formou sem que a nação se forme, marcando um descompasso rico em consequências para o destino da nação” (WAIBORT, 2007, p. 163).

4 - Algumas considerações sobre o tema formativo.

Rememorando algumas as diferenças já sumariamente apresentadas entre os autores do ‘quase’ gênero da formação, a formação se completa ou não. Portanto, a partir de uma análise mais detida dos ensaios de Caio Prado Jr., Celso Furtado e Antonio Candido, é possível ver que o ponto de fuga nos dois primeiros autores é impregnado de valor e está bastante ligado à realidade vivida por estes. Candido, por sua vez, seria bastante mais sóbrio, em razão de que a formação por ele tratada já estar concluída no momento em que a expõe, não escrevendo, então, com o propósito militante de a levar a bom termo. Outro dado importante é o fato o sistema literário ter-se completado antes de 1870, *antes da abolição da escravatura*, de sorte que ao se completar não marcou uma transformação essencial nas estruturas sociais e históricas do país. Portanto, é de um resultado assaz mais realista de que se fala, o qual descreveria, quiçá, o progresso à brasileira, sem maiores transformações das iniquidades coloniais (SCHWARZ, 2014, p. 65).

Antonio Candido, à época em que escrevia *Formação da Literatura Brasileira* – por volta de década de 1940 e 1950 -, vivia numa sociedade que lutava para se completar, tanto no plano econômico, quanto no plano social. Esse mesmo impulso formativo tinha como base material a forte industrialização em curso e aspirava, como ponto de chegada, transformação a qual faria com que o atraso e a posição subalterna no concerto das nações fossem superados. O desenvolvimentismo nacionalista – que via o imperialismo e o latifúndio como inimigos a serem derrubados -, legava ao projeto formativo uma dimensão radicalmente dramática, de uma ruptura com ares até mesmo socialistas. Nesse processo histórico, tal elevação prática e histórica dos processos de estruturação da sociedade, faz-se presente, também, no livro do crítico literário. Contudo, a especificidade do objeto fez com que Candido visse o movimento do que estudava em uma linha menos triunfalista e até mesmo mais cética.

Ou seja, os autores progressistas que ensaiavam a nossa formação socioeconômica mostravam um movimento ainda não completo, e que poderia transformar o país caso deixasse de ser uma mera possibilidade. Ao contrário do que é indicado pela obra de Candido, a qual acompanhou o movimento formativo da literatura brasileira - um movimento, como dito

anteriormente - que se completa, mas que nem por isso transforma o Brasil. Tendo em vista estas diferenças, poderíamos, como Schwarz (2014, p. 67), perguntar: o sistema literário integrado poderia antecipar formações futuras? Serão ritmos desiguais, os quais, em algum momento, poderão se unificar? São diferenças abissais que colocam em dúvida a hipótese de convergência formativa? Isto não demonstraria que as elites nacionais podem ir longe, sem necessidade de serem acompanhadas pelo restante do Brasil? Quais seriam os ensinamentos ensejados por esta constelação de resultados, os quais sintetizam a experiência nacional e arma questões decisivas ao mundo contemporâneo como um todo? Todas elas, de um modo ou de outro, fazem-nos dar uma passo à frente do ponto de vista da crítica materialista, dando-nos, deste modo, um ponto de vista crítico ímpar ao intelectual periférico.

Não obstante a formação literária, algo do déficit social se transmitiu e transmite para a esfera literária, algo que pode mesmo ser visto em meio ao argumento de Candido, mais especificamente nos momentos em que trata de Machado de Assis, já que este aproveitava-se dos erros e acertos de seus predecessores, escrevendo livros nos quais *as contradições e a materialidade da má formação brasileira eram internalizadas e formalizadas na forma do romance*. Algo a ser explorado em profundidade por um de seus principais discípulos, para quem a ironia, a volubilidade – princípio formal dos livros maduros de Machado, ao modo de *Memórias póstumas de Brás Cubas* - e a série de abusos implicados em seu edifício formal configuram uma redução estrutural (CANDIDO, 2010, p. 28) de um movimento que a história facultava ou impunha à própria classe dominante brasileira e às iniquidades por ela produzidas (SCHWARZ, 2012a; 2012c). Todavia, isto já ultrapassa o escopo do exercício de leitura proposta, de modo que damos por encerrada a nossa pequena incursão pela obra do mestre Antonio Candido[12].

[12] É necessário dizer aqui que não apostamos na ideia de "divergências silenciosas" proposta por Melo (2014). Até onde podemos ver, as divergências de Schwarz com Candido são apresentadas já, ao menos em parte, em seu ensaio "Pressupostos, salvo engano, de 'Dialética da Malandragem" (SCHWARZ, 2012c), em que, grosso modo, crítica seu mestre por este argumentar que a aquela atitude baseada numa tolerância quase corrosiva e numa acomodação geral que dissolve os extremos, torna-nos, em comparação com os Estados Unidos, puritano e punitivo, uma nação possuidora de uma atitude aberta e afim de um mundo democrático e emancipado (CANDIDO, 2010, p.46). Ao que Schwarz irá criticar, dizendo que seu mestre, com este ponto de vista, havia estancado a historicidade dialética de sua análise, a qual colocaria as nações como entidades essencialmente distintas e a dialética da malandragem como uma essência do modo de ser brasileiro, ao que Schwarz antepõe a um processo social que conta com nações, porém não é nacional e a ideia de que os países poderiam ser até diversos, mas não seriam alheios aos movimentos do capital internacional (SCHWARZ, 2012c, p.153). Algo que Melo mesmo demonstra, contudo dá-lhe um lugar menor no plano das divergências entre ambos. Além disso, diferenças políticas e de diagnóstico entre ambos não podem ser encaradas de modo abstrato e estanque como, segundo pensamos, faz o autor, pois: i) Melo não faz referências aos períodos nos quais Schwarz e Candido efetivaram os momentos decisivos de seu aprendizado e formação intelectual, o que é de suma importância para se apreender suas divergências – algo que autores como Arantes (1992), visto como um intelectual que apontaria apenas continuidades entre ambos, já havia sugerido também; ii) em sua análise não entra o choque decisivo do

Referências bibliográficas:

ADORNO, Theodor W. **Filosofia da Nova Música.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_________. **Introdução à sociologia da música.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_________. **Teoria Estética.** Lisboa: Edições 70, 1970.

ALCIDES, Sérgio. O momentâneo da 'Formação'. **O Eixo e A Roda,** Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p.141-154, jun. 2011.

ALMEIDA, Jorge de. Pressupostos, salvo engano, dos pressupostos, salvo engano. In: CEVASCO, Maria Elisa; OHATA, Milton. **Um crítico na periferia do capitalismo:** reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 44-54.

ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental.** São Paulo: Boitempo, 2004.

ARANTES, Paulo Eduardo. **O fio da meada:** uma conversa e quatro entrevistas sobre Filosofia e vida nacional. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

_________. **Sentimento da dialética na experiência brasileira:** dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

ARANTES, Paulo Eduardo; ARANTES, Otília. **Sentido da Formação:** três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa.. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

Golpe de 1964 na experiência intelectual dos radicais no período, algo que Candido (2002) mesmo havia notado em conferência na década de 70, na qual elabora a ideia de que é necessário ensejarmos uma cultura crítica do contra, dado que os intelectuais brasileiros, até antes deste período, viviam sob um movimento de báscula entre o contra e o favor, entre negatividade e positividade – o que nos leva a crer que a posição de Candido vai bastante mais além de um otimismo benevolente, como chega a sugerir no artigo; iii) o modo como encaram Machado de Assis, conforme argumenta Schwarz (2014), não apresenta uma ruptura radical entre ambos como se quer crer, a bem da verdade, Schwarz opera uma espécie de aproveitamento do que Candido havia acumulado em *Formação da literatura brasileira*, escrito em 1959, todavia, com o Golpe de 1964 e o horizonte rebaixado por ele inaugurado, Schwarz diz o seguinte: "O festival de desfaçatez armado por nossas elites logo em seguida ao golpe, com sua salada de modernização, truculência e provincianismo, ensinava a reconhecer aspectos até então recalcados da ironia machadiana. [...] Noutras palavras, as revelações sociais trazidas pelo golpe de 64 desempoeiravam o maior de nossos clássicos" (SCHWARZ, 2015, p. 8); iv) não necessariamente a discordância entre dois críticos materialistas implica numa invalidez do método, dado que a transfiguração do concreto em concreto pensado, por assim dizer, não processa-se de maneira positivista e matematizada, devendo contar com a apreensão das determinações essenciais da realidade, sujeita a crítica, até porque, como nos lembra Marx, se a aparência coincidisse com a essência toda ciência seria supérflua (MARX, 1983). À vista disso, é lícito perguntar: mas por que essas determinações escaparam ao argumento de Melo? Bem ao nosso ver, faltou a Melo um dos procedimentos essenciais aos dialéticas, a saber, em linguagem hegeliana: o ceticismo consumado (HEGEL, 2012, p. 78-79). A partir deste veríamos o objeto em suas determinações mesmas e não a partir da vontade que a ele imputamos. Salvo engano, como Melo mesmo havia dito ao final de seu artigo, interessava-lhe mostrar a partir dessas "divergências silenciosas" como o método crítico não deve pautar-se pelo objetivismo dialético, devendo levar em conta interesses, paixões e visões para que não tenha uma visão "mutilada" do fenômeno literário. Até onde podemos ver, justamente os interesses, paixões e visões silenciosas de Melo acabam por obliterar uma compreensão mais complexificada da experiência intelectual de Candido e Schwarz, a qual, segundo pensamos, teria sido melhor elaborada caso tivesse em vista os desdobramentos imanentes de seu objeto de estudo e não interesses e paixões frente a este e ao método crítico por ele elaborado.

ASSIS, José Maria Machado de. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. In: ASSIS, José Maria Machado de. **Machado de Assis:** obra completa completa em quatro volumes, vol. III. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015. p. 1177-1184.

AUERBACH, Erich. **Mimesis.** 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CAMPOS, Haroldo de. **O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira:** o caso de Gregório de Mattos. 2. ed. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite.** 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011a.

_________. Depoimento sobre Clima. **Discurso,** São Paulo, v. 1, n. 8, p.183-193, maio 1978.

_________. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos, 1750 - 1880. 14. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2013.

_________. **Iniciação à literatura brasileira.** 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

_________. **Literatura e Sociedade:** estudos de Teoria e História Literária. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011b.

_________. **Na sala de aula:** caderno de análise literária. 5. ed. São Paulo: Atica Editora, 1998.

_________. **O método crítico de Silvio Romero.** 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

_________. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002

_________. **Vários escritos.** Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011c.

CHIAPPINI, Ligia. Os equívocos da crítica a Formação. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARAMBÔTOLO, Eloísa Faria. **Dentro do texto, dentro da vida:** ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1992. p. 170-181.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

CURTIUS, Ernest Robert. **Literatura européia e idade média latina.** 2. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** 25. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1995.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 2012

JACKSON, Luis Carlos. **A tradição esquecida:** os parceiros do Rio Bonito e a Sociologia de Antonio Candido. São Paulo; Belo Horizonte: Fapesp; Editora Ufmg, 2002.

JAMESON, Fredric. **Pós - modernismo:** a lógica cultura do capitalismo tardio. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LIMA, Luiz Costa. Concepção de história literária na 'Formação'. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARAMBÔTOLO, Eloísa Faria. **Dentro do texto, dentro da vida:** ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1992. p. 153-170.

LUKÁCS, Georg. **A alma e as formas:** ensaios. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

________. **O romance histórico.** São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política, vol. 1, tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MELO, Alfredo César Barbosa de. Pressupostos, salvo engano, de uma divergência silenciosa: Antonio Candido, Roberto Schwarz e a modernidade brasileira. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 403-420, dez. 2014.

PONTES, Heloisa. **Destinos Mistos:** os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940 - 1968). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROMERO, Silvio. **A filosofia no Brasil:** ensaio crítico. Porto Alegre: Typhographia da Deutsche Zeitung, 1878. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01616400#page/5/mode/1up.>. Acesso em: 01 jul. 2015.

SANTIAGO, Silviano. Anatomia da formação: a literatura brasileira à luz do pós-colonialismo. **Folha de São Paulo.** São Paulo, p. 4-5. 07 set. 2014.

SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor as batatas:** forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012a.

__________. Dialética da formação. In: PUCCI, Bruno; ALMEIDA, Jorge de; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco. **Experiência formativa e emancipação.** São Paulo: Nankin, 2009. p. 163-187.

__________. **Martinha versus Lucrécia:** ensaios e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

__________. Prefácio a 2ª edição. Em: SCHWARZ, Roberto. **A lata de lixo da história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

__________. **Que horas são?:** ensaios. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012c.

__________. **Sequências brasileiras:** ensaios. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

__________. **Um mestre na periferia do capitalismo:** Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012c.

WAIZBORT, Leopoldo. **A passagem dos três ao um:** crítica literária, sociologia e filologia. São Paulo: Cosac Naify, 2007.